

“À volta da saúde geram-se negócios pouco claros”

●●● António Travassos, presidente do conselho de administração do Centro Cirúrgico de Coimbra, foi o orador convidado do ciclo de conferências Utopias XII, que decorreu, ao final da noite de terça-feira, no Casino Figueira. As primeiras palavras couberam ao presidente da Coimbra Business School | ISCAC, que descreveu o médico com uma pessoa que tem uma perspetiva da vida que vai ao encontro da “linha da escola”.

Para Manuel Castelo Branco, o oftalmologista tem uma “visão profundamente humanista em tudo o que toca e o que faz”. Foram, portanto, muitos os que assistiram à conferência. “Como aprendi em Coimbra, sou alguém que sabe muito sobre muito pouco”, introduziu António Travassos.

Pegando em vários exemplos, o médico chegou à saúde. E realçou que assiste-se a tudo o que é bom e o que é mau. “Beneficiámos imenso com as vacinas e antibióticos e hoje podemos viver e ser melhor tratados”, afirmou, sustentando que “estão a ser criados outros problemas, mais graves”.

Neuromarketing

Que tipo de problemas? “À volta da saúde geram-se negócios imensos e pouco claros”, esclareceu. António Travassos justificou que “a saúde tem de ser paga, mas de forma perfeitamente transparente”.

E exemplificou através do neuromarketing. O médico evocou os novos paradigmas do mundo e falou sobre o aumento



António Travassos e Manuel Castelo Branco na conferência

da população em 2050, os problemas com a água (questão da privatização), o aquecimento global e a energia.

“Para que tudo mude é necessário uma nova filosofia”, apontou, considerando que “para haver novas formas de pensamento é preciso que as sociedades” o pretendam. “A guerra poderá vir a acontecer como uma nova forma de filosofia”, afirmou. Segundo António Travassos, o mundo hoje não tem liderança.

“É fundamental que as pessoas aprendam a criar riqueza para a poder distribuir. Isso pressupõe que não haja o individualismo que há”, disse, salientando que está a deixar-se “degradar o mundo e o país”.

Bom senso entre os hospitais

Voltando-se, designadamente para Coimbra,

apelou ao bom senso pelas várias unidades hospitalares. “Deveriam estar a trabalhar no diagnóstico e prognóstico computadorizado”, afirmou, descrevendo que é “possível chegar ao diagnóstico informático”.

O médico realçou que a “medicina é muito cara”. Como tal, “só pode chegar a todos”, se existirem “preços mais baixos e melhor qualidade”. “Não é para substituir os médicos e colocar os computadores a ajudarem os médicos”, apontou. Assim, sublinhou que “pegar na informação anatômica, funcional e quase histológica e pôr os computadores a analisá-los, através do algoritmo, é um apoio fundamental para os médicos”.

O ciclo de conferência Utopias XII resulta de uma ação conjunta da Coimbra Business School | ISCAC e do Casino Figueira.

| Cláudia Trindade

DB-C.T.